

APRENDER

INOVAR



DIVULGAR

COLABORAR

Título

DICA: Divulgar, Inovar, Colaborar, Aprender – 2024

Direção

Domingos Fernandes, Presidente do Conselho Nacional de Educação

Coordenação

Domingos Fernandes
Aldina Lobo

Organização

Aldina Lobo
Ana Sérgio

Revisão de texto

António Dias
António Lopes

Apoio à coordenação

Cristina Brandão
Rita Vinhas

Apoio administrativo e financeiro

Paula Barros

Expedição

Ana Estribio

Autores

Vários

Os textos e respetivas imagens são da responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a posição ou orientação do CNE.

Editor

Conselho Nacional de Educação (CNE)

Design gráfico

Providência Design

Impressão

Greca – Artes Gráficas

Tiragem

500 exemplares

1.ª Edição

Março de 2025

ISSN

2975-9951

ISSN Digital

2976-0569

Depósito legal

526051/23

Agradecimentos

O Conselho Nacional de Educação

agradece a todos quantos deram o seu contributo para a presente publicação, a título individual ou institucional, designadamente:

aos biografados Hélder Castro, Teresa Martinho Marques, António Figueiredo, Conceição Malhó Gomes e respetivos participantes. A saber, diretores, ex-diretores, equipas de direção, professores, alunos, ex-alunos, funcionários e encarregados de educação;

ao Agrupamento de Escolas da Bemposta e à Escola Profissional Profitecla – Braga, em particular às equipas de direção, ao pessoal docente e não docente, aos alunos, encarregados de educação e coordenadores das estruturas de gestão intermédia;

ao designado "Júri de avaliação de propostas de textos para a publicação periódica DICA 2024 (segunda parte, Vivências)", composto por David Rodrigues, Jesus Maria Fernandes, Matilde Rocha e Aldina Lobo;

aos presidentes, comissários ou coordenadores do Plano Nacional das Artes (PNA), da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), do Plano Nacional de Leitura (PNL), da Associação Portuguesa de Educação em Ciências (APEduC), da Associação Portuguesa de Educação Musical (APEM), da Associação Cantar Mais (ACM), da Associação Nacional de Professores de Educação Visual e Tecnológica (APEVT), do Conselho Nacional de Associações de Profissionais de Educação Física e Desporto (CNAPEF) e da Sociedade Portuguesa de Educação Física (SPEF).

A todos agradece-se o compromisso, o empenho e o diálogo mantidos com o CNE, nas diferentes etapas do processo, o que permitiu chegar à segunda publicação do projeto DICA: Divulgar, Inovar, Colaborar, Aprender - 2024.

Índice

- 004 **Conhecer as escolas e os seus profissionais para melhorar a qualidade da educação**
Domingos Fernandes
- 014 **A essência da organização e da metodologia**
Aldina Lobo e Ana Sérgio

Percursos DICA

- 026 **Folha de sala**
Aldina Lobo e Maria José Antunes
- 042 **Equação e poema**
Ana Sérgio e Fernanda Candeias
- 064 Síntese
- 066 **Vozes e ecos de uma liderança**
Adélia Lopes e Ana Sérgio
- 088 **Assumir a diferença como norma**
Aldina Lobo e Conceição Gonçalves
- 104 Síntese
- 106 **Compasso singular na educação artística: o caso do Agrupamento de Escolas da Bemposta**
Adélia Lopes e Fernanda Candeias
- 132 **A terceira margem**
Conceição Gonçalves e Maria José Antunes
- 154 Síntese

Síntese Percursos DICA


- 158 **Projetar futuros, desenhar políticas**

Vivências DICA

- 168 **Reinvent'ART-E – Reinventar a escola pela integração das expressões artísticas no currículo**
Helena Luís, Lia Pappamikail, Margarida Togtema e Luísa Matos (PNA)
- 182 **Bibliotecas escolares: da integração à inclusão**
Paula Ribeiro e Paulo Sousa (RBE)
- 194 **Clubes de leitura nas escolas**
Andreia Brites, Mónica Rebocho e Regina Duarte (PNL)
- 206 **Práticas inovadoras na educação em ciências**
Ana Peixoto e Fátima Fernandes (APEduC)
- 218 **Residências artísticas:
o projeto Cantar Mais Liberdade (re)vive Abril**
Ana Rita Carreira (APEM e ACM)
- 230 **Dos sentidos ao sentir... Um jardim para todos**
Iva Mónica da Costa Neves, Albina Maria Leite da Costa Ribeiro e Manuela Susana Pereira Correia (APEVT)
- 242 **Agrupamento de Escolas de Silves Sul –
um trajeto de compromisso: o caso da Educação Física**
Nuno Ferro, António Pedro Duarte e Miguel Fachada (CNAPEF e SPEF)
- 252 **Síntese Vivências DICA**
**Escolas amigas das crianças:
DICA(S) de boas práticas curriculares e pedagógicas**
Maria Alfredo Moreira

**CONHECER
AS ESCOLAS
E OS SEUS
PROFISSIONAIS
PARA
MELHORAR
A QUALIDADE
DA EDUCAÇÃO**

DOMINGOS FERNANDES



O DICA 2024 prossegue os propósitos que foram pensados desde o início deste projeto do Conselho Nacional de Educação (CNE) e que, na sua essência, têm a ver com a importância de se conhecer a vida pedagógica e organizacional das escolas, assim como os profissionais que nelas trabalham, designadamente os docentes e os diretores. Conhecer bem como funcionam e se organizam as escolas e como os docentes trabalham e se relacionam com os seus alunos e com os seus colegas e que concepções, conhecimentos, atitudes e valores orientam as suas práticas escolares é, certamente, indispensável para que se possam perspetivar formas de transformar e melhorar a qualidade do serviço público de educação.

Esta publicação mantém a organização em duas partes principais. A primeira — Percursos DICA — integra quatro estudos de natureza biográfica, sendo dois relativos a docentes (Teresa Martinho Marques e Hélder Castro) e dois relativos a diretores (Conceição Malhó Gomes e António Figueiredo). Integra também dois estudos de caso referentes a um agrupamento de escolas (Agrupamento de Escolas da Bemposta, Portimão) e a uma escola profissional (Escola Profissional Profitecla – Braga). Estes seis estudos foram integralmente realizados por membros da assessoria técnico-científica do CNE.

Nesta edição do DICA foi decidido produzir sínteses e reflexões de natureza prospetiva para tornar mais claras as relações entre as práticas educativas estudadas (e.g., avaliação, ensino, interação social, liderança partilhada, organização e distribuição dos alunos, relações com a comunidade) e a necessidade de se conceberem políticas públicas que promovam e facilitem a sua concretização. Na verdade, tais sínteses e, muito particularmente, as reflexões prospetivas, tornam evidente a possibilidade de os dados obtidos através de estudos de natureza compreensiva poderem ser integrados e mobilizados para fundamentarem a conceção e a materialização de políticas públicas de educação.

No caso concreto deste conjunto de investigações, as sínteses realizadas evidenciaram uma ampla diversidade de questões de interesse. Desde logo, nos domínios da formação inicial e contínua de professores, educadores e diretores. As narrativas biográficas, em particular, mostram-nos que estamos perante profissionais cujas práticas revelam elevados padrões de qualidade e de sofisticação no que se refere aos seus conhecimentos, às suas competências e às suas atitudes. Mas também qualidades pessoais e humanas e formas de estar e de viver nas escolas, que parecem profundamente enraizadas em visões muito sofisticadas e progressivas do currículo, da pedagogia e do conhecimento.

Parece ainda ser importante referir que, em geral, as investigações desta natureza, tendo em atenção a vasta literatura existente no domínio dos estudos de natureza biográfica e também dos estudos de caso, se foram tornando crescentemente relevantes para analisar e acompanhar os sistemas educacionais e as políticas e práticas educativas. Este facto está muito associado à evolução da filosofia da ciência e dos chamados paradigmas de investigação que deram origem ao reconhecimento e à valorização de modos diferenciados de produzir conhecimento, sobretudo no âmbito das ciências sociais.

Na verdade, ao longo dos anos, sobretudo a partir dos anos 60 do século passado, foram sendo questionadas visões e práticas acerca da construção do conhecimento há muito enraizadas nas comunidades científicas, sobretudo no âmbito das ciências sociais, nomeadamente no que se referia à objetividade das investigações, à neutralidade dos investigadores, à infalibilidade dos processos de recolha de informação e, de modo geral, aos métodos utilizados. Assim, os fundamentos e as práticas de investigação do chamado paradigma dominante, muito associado ao empírico-racionalismo, foram sendo considerados insuficientes como única fonte reconhecida e plausível de produção de conhecimento. Consequentemente, passaram a valorizar-se racionalidades interpretativas, mais críticas, baseadas em perspectivas em que o conhecimento social é devidamente contextualizado e em que se reconhece a existência de valores e a sua presença nas investigações realizadas.

No entanto, é bom ter presente que, apesar das discussões que se foram desenvolvendo acerca das práticas mais adequadas para se produzir conhecimento no domínio das ciências sociais, tem vindo a consolidar-se a ideia de que é legítimo integrar e/ou articular perspectivas paradigmáticas inspiradas em distintos fundamentos ontológicos, epistemológicos e metodológicos. No fundo, defende-se a ideia de que é plausível promover a utilização articulada de diferentes perspectivas paradigmáticas, tendo em conta a complexidade dos fenómenos educativos e formativos uma vez que todos os paradigmas de investigação, quaisquer que sejam, têm as suas vantagens e as suas desvantagens.

A evolução do pensamento acerca dos modos aceitáveis de produção de conhecimento permitiu dar relevância à *voz* e ao *ser* dos participantes nos fenómenos e acontecimentos de interesse para os propósitos das investigações. Mas também permitiu dar importância ao estudo das conceções e dos conhecimentos das pessoas para sermos mais exaustivos e rigorosos na análise e interpretação das suas práticas. Consequentemente, se é importante e fundamental que os resultados de uma escola sejam tidos em conta para que possamos analisar e acompanhar a qualidade do seu trabalho, também é importante e fundamental, por exemplo, conhecer como é que se ensina, como participam os alunos nos processos de ensino e avaliação, como é que aprendem melhor e como é que os recursos da escola são utilizados.

As investigações realizadas no âmbito do DICA 2024, e divulgadas nesta publicação, têm precisamente a ver com esta preocupação de incluir as pessoas, ouvindo-as e observando-as, para analisar e acompanhar os fenómenos educativos e, desse modo, produzir análises mais rigorosas e mais compreensivas das realidades que se pretendem estudar. Se queremos transformar e melhorar a escola temos necessariamente de a conhecer. Mas não a podemos conhecer se não conhecermos as pessoas que nela *vivem*.

A segunda parte – Vivências DICA – integra sete textos que, no fundo, são narrativas e reflexões de práticas educativas inovadoras que se têm desenvolvido numa diversidade de contextos escolares e no âmbito de domínios disciplinares, tais como as artes, as ciências, a leitura e a educação física. Resulta das parcerias que o CNE mantém com um conjunto de entidades que desenvolve uma atividade muito significativa nas escolas da educação pré-escolar, da educação básica e da educação secundária. Assim, nesta edição, foi possível contar com textos que foram produzidos a partir do trabalho desenvolvido pelas seguintes entidades: Plano Nacional das Artes, Rede de Bibliotecas Escolares, Plano Nacional de Leitura, Associação Portuguesa de Educação em Ciências, Associação Portuguesa de Educação Musical, Associação Cantar Mais, Associação Nacional de Professores de Educação Visual e Tecnológica, Conselho Nacional de Associações de Profissionais de Educação Física e Desporto e Sociedade Portuguesa de Educação Física. Também Vivências DICA foi objeto de uma leitura integradora das mensagens essenciais de cada uma das sete narrativas em domínios tais

como a inovação e as práticas pedagógicas, da interação social e das oportunidades para aprender. Pudemos ainda contar com um texto analítico e reflexivo da autoria de Maria Alfredo Moreira, docente da Universidade do Minho.

Em suma, o DICA 2024 mantém as intencionalidades definidas no início deste projeto reunindo em duas partes — Percursos DICA e Vivências DICA — investigações e narrativas que nos permitem constatar que os profissionais e as escolas podem, de facto, fazer a diferença na vida das instituições e, acima de tudo, nas vidas das crianças e dos jovens. Na verdade, quer num caso, quer no outro, é apresentada e discutida uma diversidade de situações que constituem alternativas às chamadas pedagogias tradicionais, ou da conformidade, através das quais as crianças e os jovens aprendem mais, com mais compreensão e mais participação e empenho nas tarefas que lhes são distribuídas.

Conhecer as escolas

O DICA, na sua conceção, constitui um esforço para envolver uma diversidade de intervenientes (e.g., docentes, diretores de agrupamentos/escolas, investigadores, decisores, políticos e público em geral) na análise, discussão e reflexão acerca de um conjunto de questões relacionadas com o desenvolvimento e melhoria da educação numa sociedade democrática. Assim, a partir do conhecimento aprofundado das escolas e das práticas que nelas se desenvolvem, espera-se estar a contribuir para a construção e definição das questões de política educativa que devem merecer particular atenção e intervenção por parte de responsáveis e decisores em diferentes níveis de competência. Dito de outro modo, trata-se de trabalhar para melhorar o espaço público de educação através do conhecimento gerado pela investigação acerca das escolas e dos seus profissionais, para que se compreendam os propósitos da educação das crianças e dos jovens e a sua complexidade no contexto de uma sociedade democrática, que se orienta pelos princípios estabelecidos na Constituição da República, particularmente no seu artigo 74.º, e em diversa legislação vigente, com destaque para o Regime Jurídico da Educação Inclusiva (Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho). Trata-se, na verdade, de proporcionar a possibilidade de se compreender o propósito das escolas na educação dos cidadãos numa sociedade livre e democrática.

Tal como um dia escreveu John Goodlad, seminal pensador e investigador canadiano, e cito de memória, a crise da educação não está propriamente nos desempenhos dos alunos nos exames ou nos testes estandardizados de natureza externa. O problema mais essencial está na dificuldade em educar crianças e jovens que se tornem cidadãos capazes de preservar a frágil ecologia social, política e ética das sociedades contemporâneas. Por outras palavras, trata-se de conseguir que todas as crianças e jovens se tornem cidadãos ativos, críticos, defensores dos valores democráticos e éticos, com elevada consciência cívica e plenamente integrados na sociedade. A forma de enfrentar os problemas da educação consiste no desenvolvimento de ações promotoras do diálogo indispensável à compreensão da razão de ser das escolas e do modo de as melhorar a fim de responder às necessidades educativas das sociedades democráticas. Neste sentido, aquele autor referiu insistentemente, ao longo da sua vasta obra, ser necessário ter em conta três questões fundamentais:

1. O que é que se espera que as escolas façam ou o que lhes é pedido para fazerem?
2. O que é que as escolas realmente fazem?
3. O que é que as escolas devem fazer?

São três questões muito claras e simples que, respetivamente, têm a ver com as grandes finalidades das escolas; com as funções que, de facto, desempenham; e com os objetivos que devem prosseguir. E são questões que devem ser amplamente analisadas e discutidas pois são importantes para os esforços que se têm de desenvolver para as melhorar.


Repare-se, por exemplo, que as escolas podem estar submersas numa diversidade de finalidades e funções que não são propriamente aquelas que estão mais relacionadas com os seus propósitos educativos. Isto significa, principalmente, que as escolas não se devem afastar do seu papel fundamental: trabalhar para que as crianças e os jovens desenvolvam os conhecimentos, as competências e as atitudes previstas no currículo – e.g., *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (PASEO), *Aprendizagens Essenciais* (AE), *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania* (ENEC).

Estudar o que acontece nas escolas para se compreender como são dirigidas, como e quando se aprende, como os professores se organizam para ensinar e como se relacionam entre si e com os seus alunos exige que se investiguem aspetos tão fundamentais como o currículo e o ensino, isto é, as pedagogias utilizadas, o desenvolvimento afetivo e social dos alunos que, naturalmente, passa pelo ambiente da escola e das salas de aula, as relações com a comunidade, o próprio sistema social existente na escola. E o DICA, em boa medida, responde a tal exigência, já que os textos que ora se apresentam suscitam a discussão e a reflexão acerca de uma diversidade de questões críticas inerentes à melhoria da qualidade das escolas e da educação.

Outros aspetos merecem igualmente atenção como, por exemplo, as redes formais e informais de comunicação, as interações que os docentes estabelecem, os processos de tomada de decisão e as atitudes face à escola e ao clima que a caracteriza. Além disso, é relevante estudar as condições em que os docentes têm de prestar o serviço educativo, porque poderão estar relacionadas com as aprendizagens dos alunos. Na verdade, a qualidade de vida dos docentes é importante e deve ser objeto de estudo e de preocupação se tivermos em conta as perspetivas humanistas da escola e da vida de modo mais geral.

Uma coisa parece certa, conhecer as escolas é uma condição necessária, ainda que não suficiente, para as poder melhorar, nomeadamente no que se refere à qualidade do serviço educativo que prestam às crianças e aos jovens. De facto, a sociedade e as próprias comunidades mais próximas das escolas sabem relativamente pouco acerca das formas como estas funcionam e, para que tal possa vir a acontecer, é necessário descrever os seus problemas, as suas questões mal resolvidas e, naturalmente, um projeto, um plano, que as permita ultrapassar.

Muitos estudos acerca da escola, invariavelmente inconclusivos e até controversos, têm sido focados nos seus efeitos sobre os alunos e as suas aprendizagens e, a partir daí, têm-se extraído inferências acerca da qualidade do seu funcionamento. São estudos obviamente necessários, ainda que não sejam suficientes, pois o foco nos resultados, apesar de importante, não nos diz muito, ou mesmo nada, acerca de uma diversidade de aspetos que são igualmente fundamentais. Os alunos de uma dada escola podem ter resultados modestos, mas isso nada nos diz acerca da organização e do funcionamento pedagógico da escola, da forma como é suposto os alunos aprenderem, da sua participação nos processos de avaliação e de aprendizagem ou dos valores, atitudes e comportamentos cívicos que possam ter desenvolvido. É por isso que é importante considerar a escola como unidade de análise, como um fenómeno social que pode funcionar de modos muito diferentes. Por exemplo: o que e como se ensina? Como é distribuído o tempo de ensino e/ou das atividades através das quais se desenvolve o currículo? Como é que se aprende? Que valores e atitudes se desenvolvem? Como é que a escola e a comunidade se relacionam? Estas e muitas outras questões têm sido formuladas no sentido de procurar conhecer as escolas com a profundidade e o detalhe que são necessários para as poder transformar e melhorar. E a verdade é que ainda não se obtiveram respostas claras e inequívocas para estas e outras questões.



É também por tudo isto que o Conselho Nacional de Educação, na sua missão de acompanhar as políticas públicas de educação e a sua concretização, decidiu desenvolver o DICA, contribuindo, assim, para um melhor conhecimento das dinâmicas escolares, condição decisiva à tomada de medidas para as transformar e melhorar. O nosso interesse é a escola como um todo e não exclusivamente os seus resultados académicos e sociais que, obviamente, nunca podem deixar de ser tidos na devida conta. Neste sentido, é importante conhecer a sua cultura pedagógica e as pedagogias que prevalecem, a formação dos seus docentes e os métodos de ensino que utilizam, saber como os alunos são avaliados e qual o seu papel nas relações com as questões relacionadas com o ensino, a aprendizagem e a avaliação. O DICA contribui para que seja possível caracterizar e definir o que se passa em cada contexto estudado, analisando as ações que se desenvolvem e os significados que têm para todos os que, de algum modo, vivem na escola e na comunidade que ela serve.

Desenvolver estudos que considerem a escola como um todo, como acontece nos estudos de caso que se apresentam nesta edição do DICA 2024, parte de pressupostos de que a escola é a unidade básica do sistema educativo e, por isso, é talvez a unidade que poderá estar em melhores condições para a transformação e mudança educacional. Consequentemente, para que a escola se transforme, é necessário conhecer mais acerca do seu funcionamento e dos modos como as pessoas desenvolvem o seu trabalho dentro dela. E é neste sentido que as biografias apresentadas, de docentes e diretores, e todos os trabalhos e projetos desenvolvidos e apresentados pelos parceiros do CNE, podem, por um lado, ter valor formativo e, por outro lado, contribuir para se pensar o futuro, ou os futuros, da educação.

Conhecimento, pedagogia e currículo

A questão dos conhecimentos dos professores, das suas atitudes, competências e conceções do mundo, em particular acerca das coisas da educação, emerge, em cada texto, como determinante no tipo de pedagogia que é mobilizada para as suas práticas. Tal como um dia nos referiu Lee Shulman, os conhecimentos dos professores (o conhecimento pedagógico, o conhecimento de conteúdo e o conhecimento pedagógico de conteúdo) constituem bases muito relevantes e fundamentais sobre as quais se constrói e desenvolve o trabalho dos docentes como profissionais do ensino, a sua identidade profissional e a sua capacidade para desenvolver o currículo de forma inovadora. Deste modo, os docentes trabalham para que os alunos participem ativamente no desenvolvimento do currículo e sejam capazes de produzir trabalhos de elevada qualidade. O conhecimento pedagógico de conteúdo é, como qualquer dos outros, indispensável e constitui um conhecimento específico dos professores, definindo, em muito boa medida, o seu *ser* profissional. É através deste conhecimento que os docentes, utilizando uma diversidade de modos e métodos de ensino e avaliação, criam condições para que todos os seus alunos aprendam o que é suposto aprenderem. Isto significa que, sem conhecimento pedagógico, muito dificilmente um profissional do ensino pode conseguir que os seus alunos aprendam tudo o que é exigível e necessário.

A pedagogia é, nestes termos, uma disciplina incontornável na formação inicial e contínua de todos os docentes e, devo dizer, é muito positivo que as investigações que se partilham nesta edição do DICA tenham permitido evidenciar a sua grande relevância na formação da identidade e da profissionalidade dos participantes e, consequentemente, na conceção e concretização das suas práticas educativas envolvendo, por exemplo, processos de ensino, de avaliação e de aprendizagem, de interação social, de participação dos alunos e de seleção das tarefas que têm de desenvolver.

A propósito da pedagogia e das questões filosóficas e epistemológicas que o seu desenvolvimento como domínio do conhecimento tem suscitado, lembremos o que nos disse Delfim Santos no seminal artigo *Pedagogia como ciência autónoma*, publicado em 1949 no tomo 3 das *Actas del Primer Congreso Nacional de Filosofía*¹, que ocorreu em Mendoza, Argentina:

a pedagogia nunca poderá ser uma ciência exata, e o critério que apenas considerava digno de ser chamado científico o que pudesse ser formulariamente traduzido em relações quantitativas é uma enormidade e uma violência. (...) A pedagogia não é uma ciência exata, mas, como qualquer outra referente ao homem, pode ser uma ciência rigorosa, e sê-lo-á quando não pretender atingir verdades gerais, mas, pelo contrário, verdades humanas. (...) Em vez de esta situação ser de lamentar, como alguns pensam, por nada podermos concluir de exato em relação ao homem, a busca de maior rigor mostrar-nos-á que só por essa via o homem poderá ser conhecido. (p. 1831)

O pensamento de Delfim Santos, e a sua elaboração epistemológica acerca da construção do conhecimento, levou-o a discernir a pedagogia como disciplina autónoma, cujo principal interesse é a aprendizagem dos alunos. Neste sentido, na sua elaboração, afastou-se da ideia da pedagogia experimental em que a medida, influenciada pelas perspectivas empírico-racionalistas das ciências físicas há muito estabelecidas, é utilizada como forma de consagrar o seu estatuto de ciência. Para Delfim Santos era já então claro que o foco na aprendizagem ia para além da sua medida pois tinha essencialmente a ver com o desenvolvimento humano e com os processos inerentes à sua educação e formação. O “tema da pedagogia”, dizia, era o ser humano.

Esta é uma visão humanista da pedagogia que fez e continua a fazer o seu caminho e inspira todos aqueles que valorizam princípios, tais como: a) a participação ativa dos alunos nos processos de aprendizagem; b) a relevância da interação social; c) a centralidade de aprender fazendo; d) o diálogo intelectual (fundamentado); e e) a integração do conhecimento. São princípios que estão na base da pedagogia tal como John Dewey a concebeu no século XIX e que originaram importantes desenvolvimentos, nomeadamente no que se refere às perspectivas socioculturais da aprendizagem e às conceções do currículo como meio fundamental de conhecimento, de indagação e de relação com a vida. Isto é, um meio através do qual se formulam e testam conjecturas, se resolvem problemas, se desenvolvem processos conducentes ao pensamento crítico, à criatividade e à autonomia. São ideias e princípios que estão subjacentes nas práticas que as investigações e os projetos descritos nesta edição do DICA nos revelaram.

Ainda a propósito da pedagogia, disciplina central em qualquer processo de inovação, de transformação e de melhoria da escola e das suas práticas educativas, interessa fazer referência ao trabalho de sistematização, elaboração e reflexão que António Dias de Figueiredo, eminente docente e investigador da Universidade de Coimbra e reconhecido pensador e autor sobre as questões da educação, vem realizando. Dias de Figueiredo tem elaborado e contrastado diferentes visões pedagógicas ou pedagogias, a que me refiro aqui de memória.

¹ Santos, D. (1950). *Pedagogia como ciência autónoma*. In *Actas del primer congreso nacional de Filosofía*. Tomo III (pp. 1829-1832). Universidad Nacional de Cuyo.

Por um lado, considera a Pedagogia da Explicação ou Pedagogia Magistral, quicá a que predomina em grande parte das instituições de educação e formação, que se baseia na ideia de que o currículo é algo que se *explica* ou que se *diz*. Ou seja, na prática, estamos perante a ideia de que ensinar é sinónimo de explicar ou de dizer e a sua relação com aprender é inexistente ou apenas referida sem qualquer elaboração. Naturalmente, é uma visão bastante questionável. Na verdade, pode dizer-se que *explicar* ou *dizer* o currículo não garante que os alunos aprendam...

Por outro lado, aquele pensador e investigador destaca três das chamadas Pedagogias do Diálogo que, como a designação sugere, pressupõem que haja algum tipo de interação e de comunicação que está presente nos processos de ensino, avaliação e aprendizagem. Ou seja, que o desenvolvimento do currículo implica necessariamente a existência de processos de interação social, quer entre os alunos, quer entre estes e os seus docentes. Neste caso, considera-se: a Pedagogia da Autonomia, muito associada às visões da emancipação a partir de estratégias em que os alunos são confrontados com uma diversidade de situações problemáticas e com tarefas que deverão resolver, utilizando uma variedade de recursos por sua iniciativa; a Pedagogia de Projeto, inspirada na ideia anglo-saxónica do Project-Based Learning e que, no essencial, consiste no desenvolvimento das aprendizagens e competências dos alunos a partir da conceção e desenvolvimento de projetos que podem ser de naturezas e formatos muito diferentes; e a Pedagogia da Socialização, eventualmente inspirada nas conceções socioculturais da aprendizagem em que a interação social assume, naturalmente, uma particular relevância.

Em suma, o DICA 2024 convoca questões do conhecimento, da pedagogia e do currículo acerca das quais é importante pensar e refletir com base no trabalho empírico realizado. Como se vem referindo, sem este conhecimento não será possível tomar decisões que nos permitam transformar e melhorar a qualidade das práticas escolares e do serviço educativo disponibilizado pelas escolas.

Analisar práticas para a formação de professores e educadores

Os professores e educadores são recursos incontornáveis sem os quais não é possível melhorar a qualidade da educação. Por isso mesmo, estes profissionais estão, de certo modo, no centro dos esforços de investigação do DICA, no sentido de se descreverem e analisarem as suas conceções, os seus conhecimentos, competências e atitudes assim como as suas práticas. Deste modo, responde-se às questões de partida: o que pensam? Que conhecimentos revelam? Como trabalham e se organizam dentro da escola? Como se relacionam com os seus alunos? Como os apoiam e acompanham? Como se relacionam e trabalham com os seus colegas?


Por outro lado, a análise dos projetos e atividades descritas na secção Vivências DICA é indissociável do trabalho realizado pelos docentes e contribui igualmente para que, em termos gerais, se possa responder a questões como as que se indicaram.

Assim, a partir da análise do trabalho realizado no âmbito do DICA 2024 e independentemente das sínteses e das reflexões de natureza prospetiva apresentadas nesta publicação, decidi produzir, ainda que muito sucintamente, algumas reflexões acerca das relações entre os dados e os resultados que se obtiveram e a sua relevância em contextos de formação de professores e educadores.

O DICA mostra-nos que são as pessoas que trabalham nas escolas que as podem tornar espaços de humanidade, de tolerância, de solidariedade, seguindo os valores democráticos constitucionais que orientam a nossa sociedade. A grande finalidade do serviço educativo prestado pelas escolas, públicas ou privadas, é contribuir de forma muito afirmativa para que as crianças e os jovens se tornem cidadãos livres para participarem plenamente na vida democrática do país. Por isso é tão importante que aprendam e valorizem conhecimento nos domínios das ciências físicas, naturais e sociais, das humanidades, das artes e das tecnologias. É necessário que as escolas e todos os seus profissionais instilem nas crianças e nos jovens o gosto pelas aprendizagens e hábitos de indagação e de formulação de conjeturas. Tal como está previsto no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* e noutros documentos curriculares, no final da escolaridade obrigatória, todos os jovens, independentemente do curso da educação secundária frequentado, deverão evidenciar um conjunto de conhecimentos, competências e atitudes, que é muito exigente em termos dos esforços a desenvolver por todos os que, de algum modo, estão envolvidos no processo educativo e formativo. Todos terão igualmente de trabalhar para que os jovens que concluem a escolaridade obrigatória tenham desenvolvido um elevado sentido ético e uma responsabilidade cívica exemplar. Neste sentido, é igualmente muito o que se exige aos educadores e professores em termos da sua formação, que terá de ser necessariamente orientada por elevados padrões de qualidade e exigência.

Os docentes participantes nas investigações realizadas no âmbito do DICA evidenciaram um conjunto de características pessoais, sociais, culturais e profissionais que lhes permite fazer com que os seus alunos aprendam. Consequentemente, eles próprios participam no processo de transformação e de melhoria da escola e da educação. A formação de professores e educadores, inicial ou contínua, deve desenvolver-se em estreita articulação com o ensino e as práticas educativas em geral, tendo em conta as comunidades em que as escolas estão inseridas. Nestes termos, quer as narrativas biográficas, quer os estudos de caso e ainda as narrativas de projetos inovadores constituem, em boa medida, importantes referentes heurísticos que podem ter um papel inestimável naquela desejável articulação e podem também contribuir para a construção das identidades profissionais dos docentes ou futuros docentes em formação.

Outro aspeto acerca do qual valerá a pena refletir tem a ver com a ética profissional dos professores, que os obriga a proporcionar as melhores condições possíveis de ensino a todos os seus alunos. Aqui surge novamente a pedagogia no centro das ações, reflexões e indagações, que o tornam um profissional do ensino. Trata-se de uma oportunidade real para que, em contextos de formação de professores, se possa integrar e articular uma diversidade de aspetos, mobilizando-os para a reflexão acerca de conceções de ensino, como a do ensino como arte e a do ensino como profissão.



As investigações realizadas no âmbito do DICA 2024 também nos permitem refletir acerca da necessidade de os professores e educadores desenvolverem um conjunto de conhecimentos, competências e atitudes que os tornem profissionais culturalmente evoluídos. A ideia que parece prevalecer após a análise das narrativas biográficas é a de que cada profissional tem de ser um ou uma intelectual cosmopolita, que conhece e acompanha os desenvolvimentos científicos, sociais, tecnológicos, humanísticos e artísticos do mundo em que vivemos. Tem de ser capaz de os mobilizar para que os seus alunos os possam relacionar com o que estão a aprender ou já tiveram oportunidade de aprender.

A ideia dos docentes como profissionais capazes de refletirem acerca do seu próprio ensino, alterando, se necessário, as suas práticas, é inerente à ideia do professor como intelectual e como investigador. É uma ideia poderosa e de particular significado, pois está relacionada com a necessidade de a formação dever contribuir, de forma decisiva, para que os docentes sejam capazes de indagar acerca da natureza, da qualidade e da organização do seu ensino e dos processos educativos e formativos utilizados, assumindo igualmente que essa indagação faz parte das suas vidas profissionais.

Também as descrições e reflexões apresentadas na secção Vivências, onde se descrevem práticas educativas que se desenvolvem no âmbito de projetos da responsabilidade dos nossos parceiros do DICA, mostram que é possível fazer diferente e é possível fazer melhor, para que os alunos aprendam o que está previsto no currículo. E também nos mostram que é necessário que cada escola, como unidade básica do sistema de educação e formação e tendo em conta o seu contexto e a sua especificidade, ouse gizar os seus projetos e as suas ações para transformar e melhorar a sua vida pedagógica e as suas práticas educativas.

Em suma, o DICA parece poder contribuir para que os docentes, atuais e futuros, tenham acesso a narrativas biográficas de profissionais, cujas práticas educativas podem ser consideradas inovadoras e, a muitos títulos, de elevada qualidade. Assim, tais práticas, que se referem a professores reais, que trabalham em escolas reais e com alunos reais, podem ser objeto de análise e discussão, tendo em conta uma diversidade de domínios de interesse (e.g., práticas de ensino, relação pedagógica, práticas de avaliação, trabalho colaborativo). Além do mais, podem constituir uma oportunidade para suscitar discussões e reflexões úteis acerca das tensões inevitáveis entre o que, muitas vezes, é percecionado como funcionando bem na prática e os fundamentos, teorias e conceitos, subjacentes a outras opções, quiçá a outras visões pedagógicas, a outras visões do papel das escolas na sociedade. Por último, tal como é evidenciado nas sínteses e na reflexão prospetiva desta edição, os resultados das investigações apresentadas e as narrativas dos projetos elaboradas pelos parceiros podem constituir meios plausíveis para tomada de decisões mais informadas por parte de uma diversidade de intervenientes nas políticas e práticas educativas.